

de Theologia, — tão convencido estou eu de que o padre muito precisa de umas noções de Archeologia e do estudo d'estas linguas classicas.

Aqui ficam manifestados os meus bons desejos de me ir lealmente desempenhando do espinhoso encargo que sobre mim pesa.

Monsenhor Conego — PEREIRA BOTO

vice-reitor do Seminario Episcopal de S. José, em Faro.

Notícias archeologicas de Tras-os-Montes

O «Castello» de S. Thomé

Junto de uma fraga, a mais alta de toda a serra do Cabreiro, a que chamam — *O Castello*, e que parece ter dado o nome áquella freguesia de S. Thomé do Castello, póde ainda ver-se a raiz das muralhas de um grande castro luso-romano, a poente da mesma fraga, dominando de perto aquella freguesia e a de Villarinho da Samardã.

Esta muralha rectangular abrangerá uma área, talvez de mais de mil e quinhentos metros quadrados. Vêem-se ainda distinctamente os restos d'ella a poente, norte e sul, indo perder-se a nascente na raiz da fraga.

Do lado do sul, numa solução de continuidade na muralha, vê-se bem distincto o lugar onde era a porta d'aquelle castro, entre duas grossas paredes de boa construcção romana, ainda perfectas. Lá se encontra ainda, no chão, a grande padieira da porta, que terá de comprido talvez tres metros, por oitenta centimetros de largo e quarenta de espessura. Do lado de baixo está muito bem lavrada, tendo tres buracos ou covinhas circulares, uma ao centro e duas proximo ás extremidades, todas tres ornamentadas com semicirculos equidistantes, pouco mais ou menos assim:



Seria o buraco ou covinha do centro para a columna, de madeira, ferro ou pedra, a que chamam *batente* das portas, e as das extremidades para as portas chamadas de *coucinho*, em vez de dobradiças, como ainda se observam por aquellas aldeias?

Esta padieira ainda ha poucos annos foi deslocada do lugar em que estava por uns exploradores de thesouros na noite de São João.

Disse-me um d'elles que, quando ali fôra cavar uma noite, até pouco antes de nascer o sol, apenas encontrára uma pequena moeda de prata, *como seis vintens dos velhos, um pouco mais grossa*. Provavelmente algum denario romano.

Disse-me tambem um caçador de Agoas-Santas, d'aquella freguesia, que, andando alli ás perdizes, encontrára carvão e *um pataco velho, com uma cara de um lado, e do outro duas letras grandes redondas, um S e um C*. Provavelmente um grande bronze dos monetarios de Augusto.

Disse-me tambem um velho d'aquella localidade que encontrára proximo d'ali, quando rapaz, um ferro de arado, que fizera a admiração da gente do seu povo. Pelos indicios que deu, julgo ser uma relha romana.

Disse-me ainda um lavrador de Fortunho, da mesma freguesia, que, tambem quando rapaz, encontrára perto d'aquelle sitio *um «ferro» de pedra, apontado de um lado e com unha do outro, tendo mais de meia vara de comprido*. Quem sabe se seria um instrumento prehistorico?

No alto d'aquella fraga vi eu, antes de lá collocarem um marco geodesico, um grande circulo, que teria mais de quatro metros de circumferencia, feito de covinhas alongadas, pouco fundas, mais ou menos assim:



Para que seria aquelle circulo? . . .

Descobre-se d'ali um horizonte vastissimo, principalmente a S. e E., que abrange a área de muitos concelhos do districto de Villa Real, de Bragança e de Viseu. A O. é limitado pela serra do Marão.

*

Diz a lenda que por baixo d'aquella fraga existe uma grande caverna cheia de thesouros, cuja entrada defendem tres guerreiros bem armados, altos como gigantes, bastando uma só bofetada de qualquer d'elles para fazer em *saniscas* a cara do atrevido que ali ousasse penetrar;

Que estes gigantes guardam á vista não só aquelles thesouros, mas a senhora d'elles, uma moura formosissima de sangue real, que ali está *encantada*, ha muitos seculos, á espera do seu paladino, que ha de um dia matar os guardas, libertando a princesa e os seus thesouros;

Que alguns pastores de Aguas-Santas ou de Villa-Meã, d'esta freguesia, já tiveram a dita de ver por uma fresta da penedia aquella moura formosissima a tecer num tear de ouro macisso, cheia de anneis, pulseiras e collares de diamantes como estrellas;

Que esta moura é mui gulosa de leite, tendo já succedido por vezes desapparecerem de por ali vaccas com os uberes bem retesados, apparecendo pouco depois, sem se saber como, com elles de todo vazios;

Que algumas d'estas vaccas se tornavam tambem tão gulosas da mangedoura especial da caverna, que até perdiam o amor aos vitellinhos, deixando-os morrer de fome, e fugindo, como por encanto, para que as ordenhassem, a moura ou as suas fadas;

Mas que um dia um pastor ladino, receando se lhe perdesse a sua vacca, tomára a esperta resolução de se lhe agarrar á cauda, não a largando por muitas horas, até que, ao fim da tarde, lá foi mysteriosamente vacca e pastor para dentro da caverna. . .

Que, por fim, a moura recompensára o pastor com a munificencia que lhe era propria, tapando-lhe primeiro os olhos, para ignorar o caminho da caverna, e enchendo-lhe em seguida o chapéu de carvões, recommendando-lhe muito que tivesse todo o cuidado *de os collocar, á hora propria, no logar da transformação. . .*

Que, porém, o pastor não fôra esperto, pois nunca pudera comprehender que era mister collocar aquelles carvões ao orvalho na manhã de S. João, ficando por isso, pobre como d'antes, em vez de ter assegurado para sempre a sua independencia, pois aquelles carvões eram grande riqueza de ouro e pedrarias de inestimavel valor.

Mau foi que o orvalho os não crystalizasse. Seriam, com effeito, puros diamantes.

Termina a lenda dizendo que, a começar da caverna, vae uma grande mina por debaixo d'aquella e de outras fragas, na distancia de quasi uma legoa, a qual fôra construida pelos gigantes para roubar a fonte dos de Moscosinhos, cuja agua, limpida e crystallina, faz as delicias da moura, e de seus guardas.

Ha ainda uma tradição na freguesia de S. Thomé do Castello, de que aquelle povo de Moscosinhos, Mascosinhos ou Mescosinhos, de que ainda restam ruinas, se extinguiu antigamente, pela invasão de uma peste, que apenas poupára um tal *Petro Gomecio* e sua familia, que d'ali fugiram para vir fundar a povoação de Aguas-Santas.

É de notar, com effeito, haver, como ha, nesta povoação, muitos individuos de nome — Pedro e de appellido Gomes. — Quem sabe o que daria aos curiosos, bem explorada, a genealogia d'estes camponeses?

*

Direi ainda, a propósito, que na sacristia da capella de Villa-Meã existe uma antiga e tosca imagem, a que chamam — *S. Domingos Velho* —, e que se diz provinda d'aquella antiga povoação de Moscosinhos.

Noutra capella, a que chamam — *do Castello* —, existe outra imagem de S. Christovão, que é da mesma fabrica barbara d'aquell'outra de S. Domingos.

A meio da encosta da dita fraga, tambem do lado do nascente, ha vestigios de telhas e cimento, onde talvez existiu a antiga capella de S. Christovão do Castello. E, devido talvez ao nome do orago d'esta antiga capella, é que, em tempos antigos, se chamou aos habitantes das povoações vizinhas — *moradores do Castello de S. Christovão*, como já vi da cópia de um foral de D. Sancho II.

Villa Real, 1895.

Abb.^e MANUEL DE AZEVEDO.

Vária

1. Inscrição de Troia

Ainda á cêrca da inscrição romana de Troia, publicada no n.º 2 d-*O Archeologo*, direi o seguinte:

O Sr. Alberto Girard, com a sua notoria dedicação scientifica e bondade, premetteu-me tirar em occasião opportuna uma photographia do monumento e mandar-m'a para *O Archeologo*; de modo que, depois da publicação respectiva, o estudo da inscrição não poderá mais suscitar duvidas.

2. Antas da Flor-da-Rosa

Informam-me que na Flor-da-Rosa, entre Crato e Aldeia da Mata, ha antas bem conservadas. Poderia alguém dar a este respeito indicações mais desenvolvidas?

J. L. DE V.